**31101 – Património Industrial em Portugal**

**Aluno**: António José Estêvão Cabrita

**Nº** 1002404 Abril 2013

Não obstante o romantismo verificado no texto em estudo, próprio da sua época, Sousa Viterbo no artigo “Os moinhos” apresenta-nos a sua visão e concepção de um novo ramo do saber, a “arqueologia industrial”, a par de outras arqueologias, como a da arte, por forma a se estudar e preservar os conhecimentos, qualidades, e características proporcionados pelas indústrias caseiras que se prestavam então a extinguir com o avanço da tecnologia, de novas indústrias e de processos. O conceito, ainda embrionário e inovador, apenas teria visibilidade a partir de meados do séc. XX com a adopção quer da terminologia, quer da concepção, por autores estrangeiros e entidades internacionais.

É com grande antecipação relativamente ao pensar moderno que Sousa Viterbo apresenta o conceito de “arqueologia industrial”, expressão que, recuperada após a II Grande Guerra[[1]](#footnote-1), sem que os autores tivessem conhecimento desta proposta, encerrava em si um conceito Patrimonial já mais abrangente que o que viria a ser impresso na Carta de Veneza em 1964 e institucionalizado, quase um século depois, em 1978[[2]](#footnote-2) pelo TICCHI[[3]](#footnote-3).

A sugestão de Viterbo, um autêntico prólogo às determinações que internacionalmente viriam a ser tomadas várias décadas depois, num mundo já profundamente industrializado, apresenta-se como solução pela conservação, restauro, defesa e estudo de toda vasta industria e de tudo quanto influencia, como os materiais, ferramentas, técnicas, edifícios e sítios, musealizando o que for possível, para que “possam ser cuidadosamente estudados e onde a curiosidade lhes preste o devido culto”[[4]](#footnote-4), contra o esquecimento “antes que tudo se perca irremediavelmente”[[5]](#footnote-5).

Apela também à investigação e inventariação de usos e costumes, dos documentos e no terreno, o que proporcionaria “não só grande valor técnico mas, até grande valor artístico”[[6]](#footnote-6) o que poderia confirmar e reabilitar o engenho técnico e artístico dos portugueses.

Deste modo, ao ver condenadas as faculdades criativas do povo português, apesar das faculdades afectivas e imaginativas[[7]](#footnote-7) das suas letras, feitos e odisseias, atribui este facto ao não “registo oportuno” e à não difusão dos saberes e criações desenvolvidas que, só alguns arquivos oficiais conhecem.

A observação não deixa de ser paradoxal uma vez que a sua proposta irá também cair em esquecimento e ignorância, pela falta de visibilidade e de continuidade, tal como aconteceu com propostas anteriores, como é o caso do Alvará de 20 de Agosto de 1721 de D. João V, o primeiro documento em defesa do património.

Curiosamente surge no mesmo ano de 1896 uma obra semelhante *O Culto da Arte em Portugal* de Ramalho Ortigão que aborda também esta temática mas numa perspectiva de valorização de todo o Património fosse ele material ou imaterial alertando também para a necessidade de inventariar objectos e saberes adquiridos.

É num contexto romântico e com nostalgia que se dá conta do desaparecimento dos vestígios industriais caseiros anunciando, com mágoa, a glória das novas industrias que ainda “lutam desesperadamente para imitar a perfeição” onde o “utilitarismo ganhou, mas a poesia perdeu”.[[8]](#footnote-8) e assim alerta para as necessidades de preservação e estudo daquelas.

**Bibliografia**

CHOAY, Françoise. ALEGORIA DO PATRIMÓNIO. 3. Lisboa: Edições 70, 2008.

MENDES, J. Amado. Museus e Educação. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

**Webgrafia**

Dezen-Kempter, Eloísa [em linha]. “Património industrial: em busca da sobrevivência.” Associação Nacional de História. 2007. http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Elo%EDsa%20Dezen-Kempter.pdf (acedido em 2013-04-23).

Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos [em linha]. “Carta de Veneza.” Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios. Veneza, 1964. Disponível em: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf> (acedido em 2013-04-23)

ORTIGÃO, Ramalho [em linha]. “O Culto da Arte em Portugal.” Biblioteca Nacional. 1896. [disponível em] http://purl.pt/207 (acedido em 2013-04-22).

VITERBO, Sousa [em linha]. “Archeologia Industrial portuguesa. Os moinhos.” O Archeologo Português, Ago-Set de 1896: 193-204. Disponível em: <http://bibliotecas.patrimoniocultural.gov.pt/oarqueologo/OAP_S1_v2_1896/OAP_S1_v2_1896_150dpi_pdf/p193-204/p193-204.pdf> (acedido em 2013-04-20)

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Item Notas**  | **Área**  | **Nota**  | **Percentagem**  | **A suas opiniões**  |
| E-fólio A | Avaliação Electrónica | 3,50 | 87,50 % | Era importante ter referido que O artigo, de Sousa Viterbo foi publicado em 1896, n’O Arqueólogo Português. |
| E-fólios | Avaliação Electrónica | 3,50 | 43,75 % |   |
| P-fólio | Avaliação Contínua | - | - |   |
| Pontos Acumulados | Avaliação Contínua | 3,50 | 17,50 % |   |
| Nota Final | Património Industrial em Portugal 2012 01 | Rep | 0,00 % |   |

1. c.f. MENDES, 2009: 121, [↑](#footnote-ref-1)
2. C.f. DEZEN-KEMPTER, 200712 [↑](#footnote-ref-2)
3. Comité Internacional para a conservação do Património Industrial [↑](#footnote-ref-3)
4. C.f. VITERBO, 1896: 193; ortografia actualizada [↑](#footnote-ref-4)
5. Idem, 194 [↑](#footnote-ref-5)
6. Idem, 194 [↑](#footnote-ref-6)
7. Idem, 196 [↑](#footnote-ref-7)
8. Idem, 195 [↑](#footnote-ref-8)